



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2350 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 02 - História da Educação

Booktubers: público e privado no contexto literário contemporâneo
Vanessa Monteiro Ramos Gnisci - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Registrar e mostrar a passagem da vida, o que nos toca e acontece cotidianamente parece ser uma prática humana ancestral, com novos olhares no contexto atual para os modos de contar uma história de si e dos outros. Este artigo trará à luz questões referente à evolução da cultura da intimidade e exposição em uma sociedade em transição e formação de valores e comportamentos que se atrelam as mudanças econômicas, culturais advindas da tecnologia digital. É esse o contexto do estudo da pesquisa de doutorado em início que investigar a ascensão de jovens *booktubers* como complexa influência na formação de leitores de sua geração, a partir de cenários intimistas, como quartos e aconchegantes e bibliotecas pessoais à exposição efêmera e midiática de si nas redes sociais. Como referencial teórico, o estudo traz reflexões propostas por Fernandes (2009 e 2015), Sibília (2016) e Susan Sontag (2004).

Palavras-chave: intimidade – exposição - *booktubers*

Booktubers: público e privado no contexto literário contemporâneo

Resumo

Registrar e mostrar a passagem da vida, o que nos toca e acontece cotidianamente parece ser uma prática humana ancestral, com novos olhares no contexto atual para os modos de contar uma história de si e dos outros. Este artigo trará à luz questões referente à evolução da cultura da intimidade e exposição em uma sociedade em transição e formação de valores e comportamentos que se atrelam as mudanças econômicas, culturais advindas da tecnologia digital. É esse o contexto do estudo da pesquisa de doutorado em início que investigar a ascensão de jovens *booktubers* como complexa influência na formação de leitores de sua geração, a partir de cenários intimistas, como quartos e aconchegantes e bibliotecas pessoais à exposição efêmera e midiática de si nas redes sociais. Como referencial teórico, o estudo traz reflexões propostas por Fernandes (2009 e 2015), Sibília (2016) e Susan Sontag (2004).

Palavras-chave: intimidade – exposição - *booktubers*

Introdução

O homem pré-histórico utilizava cinzas, terra e argila para preparar tintas, que ao redor de fogueiras serviam para registrar figuras representativas da natureza e acontecimentos do seu cotidiano de luta constante por sobrevivência. Na cultura contemporânea, tais hábitos podem ter novos recursos e formas, mas do mesmo modo manifestam a necessidade do homem em se expressar através de aparelhos tecnológicos que captam momentos de suas vidas, compartilhados instantaneamente em redes sociais como *youtube* e *instagram*.

Desta forma, registrar e mostrar a passagem da vida, o que nos toca e acontece cotidianamente parece ser uma prática humana ancestral. As novas tecnologias, na atualidade, representam parte de uma indústria cultural moderna, que em sua singularidade, propõe transgressões no que tange ao compartilhamento das experiências do ser humano, atribuindo novos sentidos e protagonismo ao que se produz de conhecimento, rompendo fronteiras e diferenças geográficas e sociais, ao mesmo tempo em que se baseia numa lógica mercadológica em que o foco do *business* e produção em série expandem-se das celebridades às pessoas comuns.

Proponho-me a apresentar nesse artigo o contexto que gera as condições para o surgimento dos *booktubers* que são o tema de minha pesquisa em início. Portanto, apresento a seguir as mudanças do quarto privado para o público apresentando as mudanças nos contextos de intimidade que possibilitaram o surgimento de práticas como as dos *booktubers*.

Quarto privativo x quarto público: contexto de surgimento dos *booktubers*

No fim do século XIX, o francês Philippe Ariès inspira, através de seus textos, as primeiras discussões sobre as fronteiras entre o que se considerava domínio público e o lugar de intimidade. O diferencial da abordagem, comparando com estudos anteriores, refere-se ao fato do surgimento concomitante de novos padrões de convivência social dentro de um ambiente familiar e privado da burguesia, ao mesmo tempo em que um estado moderno, ao tentar controlar a todos, deparava-se com o impasse de novos espaços privados que tornariam a vida particular, efetivamente, privada.

Iniciado no século XVIII, mas consolidado no século XIX, a noção e anseio de direitos individuais resistia à vigilância e controle do Estado e autoridades religiosas, apregoadas na Idade Média e Época Moderna. As polícias eclesiais neste recorte temporal exerciam vigilância e poder de bens, espaços e controle direto sobre os corpos, visto que o rei era senhor de seu reino e súditos.

As intensas mudanças econômicas e culturais trazem novos espaços de sociabilidade contemporânea com o estabelecimento de teatros e espaços eruditos com poesias, músicas e gastronomia. Tal efervescência destaca como literatura de maior visibilidade os manuais de civilidade e comportamento social, que passariam a ditar normas de conduta e padrão de relacionamentos interpessoais.

Logo, as mudanças econômicas e culturais que trouxeram novos espaços de sociabilidade e a nova concepção do lugar privado destinado à garantia de individualidade e introspecção, trariam do século XIX, junto às tecnologias digitais, transformações nas formas de expressão, interação e existência humana. Duas dicotomias que nascem em paralelo: exposição e intimidade.

Neste contexto de intimidade, o que a sociedade barganhou por décadas para conquistar, a privacidade e a autonomia individual, com objetivos limites da esfera pública no cotidiano alheio, parece viver uma queda brusca para relações sociais.

Sibilia (2016) nos faz pensar sobre esse contexto pois se de um lado a sociedade passa a primar por espaços de introspecção e privacidade, no aconchego do lar e entre as paredes do quarto, do outro, com o desenvolvimento das redes virtuais as fronteiras entre tal dualismo parecem ser rompidas trazendo para os ambientes conectados cenários de casas. Esse contexto é o que cerca nosso estudo e sugere informalidade e intimidade entre os produtores de conteúdos (neste estudo, os *booktubers*) e seus seguidores. A simplicidade na resposta da romancista Virginia Woolf, em 1928, trazida por Sibilia em seu livro deixa claro a justificativa, segundo a famosa romancista, para haver poucos romances de qualidade escritos por mulheres naquela época: a ausência de um quarto próprio. O quarto como espaço de privacidade e individualidade historicamente é negado à mulher, que deveria se ocupar com as rotinas da cozinha e da sala de estar, em detrimento a um espaço de subjetividade e reflexão que caberia aos homens. Essa ausência do quarto teria impedido as mulheres de terem privacidade para escrever.

A simbologia do quarto como espaço de subjetividade e expressão íntima de si ainda é representado de forma intensa, visto que os *booktubers*, em sua maioria, gravam vídeos tendo como cenário de fundo uma pequena biblioteca que demonstra ou simula o quarto do jovem. O cenário faz transparecer como se as dicas, observações e análises realizadas estivessem acontecendo de forma intimista, seja em uma gravação amadora ou em um cenário produzido e patrocinado por editoras interessadas na divulgação de seus livros.

Atualmente, um fator importante na formação desta juventude e nas formas de interação social se dá na transformação desta pessoa comum em protagonista nos espaços virtuais, que não inocentemente, são montados a partir dos vínculos emocionais com os espaços físicos. É preciso reconhecer tal fenômeno recente que vem de forma gradativa ampliando as "áreas da internet onde os usuários não são apenas os orgulhosos protagonistas, mas também os principais produtores do conteúdo" (SIBILIA, 2016, p. 23).

As transformações nas formas de interação com o outro e diferentes maneiras de se relacionar com a informação e conhecimento são propostas de novas gerações que experimentam diversificadas possibilidades de construção de identidade, expressão e participação social, conforme contribuições de Novaes (2007), ao destacar que "é preciso atentar para novas apropriações e linguagens que renovam a política e (re) inventam possibilidades do(a) jovem de hoje estar e agir no espaço público" (p. 100), incluindo, o virtual.

No que tange às narrativas literárias e autobiográficas, os *booktubers*, junção de *book* (livro em inglês) com *youtuber*, são referência na formação de hábitos de leitura das novas gerações, visto que, compartilham seus gostos literários como leitores e suas produções autorais a partir dos canais do *youtube*. Se popularizaram no *YouTube* com canais que, inicialmente, prometem ajudar aos leitores a digerir os clássicos e estudar para os vestibulares, se distanciando das concepções de uma leitura desinteressante e obrigatória, como muitas vezes a literatura é apresentada na escola.

O crescente aumento dos seguidores vem despertando mudança significativa nesta visibilidade juvenil, por exemplo, pelo interesse das assessorias de marketing de empresas editoriais ao vincular obras da mídia impressa nas novas modalidades, visando ao aumento dos lucros e dos espaços de atuação, que pode gerar mudanças de comportamento no que tange à espontaneidade na escolha das obras partilhadas. Bem como, a ampliação destes espaços virtuais de relatos de si em outras mídias, tais como filmes e livros, os quais sugerem novas formas de produção e compartilhamento de narrativas a partir de experiências e vivências de pessoas comuns.

Como recorte deste estudo, a literatura continuaria com sua produção no mercado editorial, mas adentraria as casas de interessados nas novas produções através de narradores e produtores de conteúdos comuns que, apesar de inicial criação espontânea, singular e criativa, passaria a fazer parte de um fluxo de informações e formação que não estaria isenta dos interesses e astúcias do mercado, como afirma Sibilia (2016, p. 17), "uma característica da sociedade globalizadas do século XXI é que a capacidade de criação costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que atacam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias".

Há de se destacar que para cada quantitativo de visualização de determinado vídeo, o autor do produto recebe incentivos de diferentes naturezas que vão de novos títulos literários para apreciação à retribuição financeira. Logo, o que se inicia como um processo de compartilhamento de experiências do homem comum, a partir de suas concepções literárias, torna-se no decorrer dos anos mercadoria a ser comercializada de forma profissional, intencional, mas com um teor de recomendação de um amigo. Deve-se então ressaltar a possibilidade da ausência de neutralidade do que se oferece e consome nos dias atuais, pois como afirma Debord (2017, p. 52), "o mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido".

A aproximação do leitor infanto-juvenil traz, historicamente, diversos marcos que refletem o contexto social de um país em busca de uma identidade cultural. Até o século XIX, a leitura literária, dentro ou fora da escola, restringia-se a versões advindas de Portugal ou de traduções europeias para um seletor público que, mesmo com rara competência leitora e parcos recursos para adquirir o caro produto, não se identificava com o idioma e as narrativas.

A literatura infanto-juvenil brasileira nasce, propositalmente, para acompanhar a primeira e importante transformação desta nova sociedade republicana. Em um breve contexto histórico, a literatura juvenil brasileira desenvolve-se no século XIX e até meados do século XX, produzindo uma literatura que refletisse a cultura local, mas extremamente voltada para a transmissão de conteúdos escolares, normas absolutas e dogmáticas que, por seu caráter rígido, entra em conflito com a natureza fluida de toda arte.

Um marco relevante no estudo em recorte trata-se da própria ideia de crítica literária que, na passagem do século XIX para o século XX, modifica-se, propiciando o questionamento da atual sociedade de quais critérios seriam válidos para que determinada obra fosse considerada efetiva? Sem tomar-se do relativismo que norteia parte da atualidade, é preciso constar que, no decorrer do desenvolvimento da literatura para jovens, novos processos de experiência e análise foram surgindo, potencializados com o advento da tecnologia surgindo também novos critérios objetivos estabelecidos, a partir das concepções de especialistas, mas também, dos próprios leitores.

Considerações Finais

A imagem não apenas mobiliza o olhar dos envolvidos, mas tornam significativas as opiniões e fatos de quem compartilha. Fator observado quanto aos jovens que postam vídeos e imagens como forma de propagar ideias e opiniões, com enfoque neste estudo nos temas relacionados à literatura, os conteúdos iconográficos, estáticos ou em movimento, tornam-se importantes aliados para a legitimação da existência de algo ou alguém nos tempos de relações virtuais.

A leitura e a escrita exercem importante influência em nossa formação histórico social, visto reforçar ou transgredir relações de poder e legitimidade do saber, representando sempre, independente do campo de reflexão, um lugar de disputas e dominação.

Neste artigo buscamos refletir sobre o contexto que gera novas formas de relacionamento com a literatura, dentre elas, os *booktubers*, e como os jovens, de pessoa comum à protagonistas nas redes, expressam reconfigurações de uma geração que não apenas quer contemplar a obra, mas opinar, compartilhar e produzir novos conteúdos. Tais aspectos apresentam importante aproximação entre o leitor e o livro, historicamente almejado devido aos distanciamentos seja por questões econômicas, geográficas e culturais de nossa formação social. Tanto na formação familiar quanto nas práticas escolares, livros por muito tempo representaram artigos de alto custo ou estavam restritamente associados à transmissão de conteúdos curriculares.

O protagonismo jovem, que tem levado milhares de leitores vorazes às livrarias e feiras literárias, representa também uma singular forma de relação entre leitor e escritor/ produtor de conteúdo audiovisual. Se por um lado o contato direto permite uma relação mais próxima, como entre amigos que curtem e dão os 'joinhas' nos vídeos que agradam, por outro, ao desbravarem desde muito cedo os caminhos da profissionalização e se tornarem fenômenos de audiência, influência e *business*, alguns desses jovens *booktubers* configuram perfis de celebridades instantâneas.

No entanto, se tais reflexões sugerem a vitalidade do potencial tecnológico no incentivo à leitura e produção de conteúdos *spela* e *para* a juventude contemporânea, resignificando as concepções de narrativas e discurso, aspectos como o empobrecimento da experiência devem propiciar a reflexão da maneira com que nos relacionamos com o tempo, às vivências cotidianas e a memória cultural. Bem como, não excluem a riqueza de narrativas de diferentes formas, como aquelas partilhadas pelos mais velhos, contadores de história, artistas e tantas outras formas de propagação da cultura de um povo.

Se situarmos a discussão ao espaço de formação do jovem, tendo como delimitação de análise a escola e a família, tais movimentos parecem passar despercebidos nas relações presenciais. A escola, importante espaço de mediação e formação cultural, que em sua composição curricular contempla o desenvolvimento de gêneros literários e a leitura de obras que fomentem o conhecimento do aluno no que tange a literatura brasileira e estrangeira, parece não reconhecer e/ou dialogar precisamente com produções realizadas por seu próprio público. Dessa forma, há de se lançar o desafio para a escola de:

Educar com, sobre e através das mídias nos leva a considerar a presença da mídia e do debate do papel da escola e dos sujeitos na relação com ela numa dimensão ética e de formação da autoria responsável por meio delas tendo esse entendimento de que elas participam de modo significativo na constituição de formas de ver e se relacionar com o mundo, e que ao tecer fios nessas tramas culturais, todos nós nos formamos (FERNANDES; DALETHESE, 2015, p. 136).

Seja como estratégia de incentivo à leitura e formação de leitores, ou mesmo, análise crítica do que se tem produzido e vinculado na internet, visto se tratar de um tema diretamente relacionado ao cotidiano escolar, o que pode ser observado, no entanto, é que "esses hábitos culturais dos jovens no trabalho colaborativo em rede não

dialogam com a cultura da escola" (FERNANDES; BATISTA, 2016, p. 130).

Outro desafio a ser observado nas relações virtuais com a literatura, deve-se ao fato de que não se trata apenas da interlocução entre pessoas com interesses em comum, mas de importante espaço de disputa e conquista de consumidores atraídos, inicialmente, como seguidores de *booktubers* por grande e complexo mercado editorial, que se adapta a este processo de quebra de hierarquias e paradigmas nas redes de produção e propagação de conteúdo.

O artigo provoca questões para a continuidade do estudo desse fenômeno recente, mas crescente. Dentre algumas: Quais os impactos das produções de jovens *booktubers* na formação de leitores na atualidade? O que há de essencialmente espontâneo e/ou fins mercadológicos nos vídeos produzidos e vinculados nos canais do *youtube*? Quais os meandros e intencionalidades podem ser identificados a partir da produção audiovisual vigente no campo literário? Como a escola e a família dialogam, contribuem e refletem tais produções em seu contexto?

Logo, se o horizonte dos canais literários possibilita a visualização de novos leitores e escritores, que cada vez mais ocupam o imaginário e participam da formação literária das novas gerações, há que se refletir quais os meandros e interesses envolvidos nestas plataformas virtuais e a qualidade das críticas vinculadas, visto a democracia tecnológica não necessariamente garantir padrões e critérios objetivos de qualidade.

Torna-se fundamental o debate sobre o fato de que, apesar das inúmeras produções inéditas e advindas da sabedoria e vida comum de quem compartilha suas percepções sobre literatura representam novas formas de interação com a leitura, o que poderia conduzir tal criatividade individual a uma lógica capitalista e mercadológica, pois, ainda que revestidas de recursos simples de produção audiovisual, refletem tendências e formas de reorganização do mercado editorial através de grandes ou subcelebridades.

Por fim, não se pode desconsiderar neste debate a existência de um número altíssimo de pessoas que não fazem parte dessa rede de comunicação e interação, que não compartilham dos mesmos recursos tecnológicos, que são excluídas e invisíveis nesta sociedade tecnológica, mas desigual.

Bibliografia

AIRÉS, P. Por uma história da vida privada. In CHARTIER, Roger. **Da renascença ao Século das Luzes**. SP: Companhia das Letras, 2009.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução; Estela dos S. Abreu; prólogo Christian Ferrer. 2. Ed. RJ: Contraponto, 2017.

HOFFMANN FERNANDES, Adriana; BATISTA, Lucinéia. **Audivisual e aprendizagens contemporâneas por jovens youtubers**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 13, n. 31, 2016.

_____, Adriana; DALETHESE, Thamyres. **Cineclubes, narrativa e formação: reflexões sobre a experiência dos jovens universitários** Revista Teias v. 16, n. 42, 126-142. jul./set.2015.

NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade**: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial Ciência e Vida. SP, out. 2007.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: A intimidade como espetáculo. 2. Ed; rev. RJ: Contraponto, 2016.